

Rodrigo Diego da Silva

Legítima Defesa

Monografia apresentada por exigência da
Disciplina Ética Cristã do curso
de Bacharel em Teologia, ministrada pelo
Prof. Moisés Vieira da
Faculdade Batista ABC – FABC

Faculdade Batista ABC – FABC

06/2008

“Não matarás” (Dt. 5:17)

SUMÁRIO

1	DEFINIÇÕES.....	4
2	PROBLEMÁTICA: O CRISTÃO PODE USAR DA LEGITIMA DEFESA?	4
3	TESTEMUNHOS DE GRUPOS CRISTÃOS.....	6
3.1	PMS DE CRISTO TENTAM SALVAR 18ª BATALHÃO	6
3.1.1	<i>Polícia Sob Suspeita.....</i>	8
3.1.2	<i>Após a Oração um Tiro na Nuca.....</i>	9
3.2	CAVEIRAS DE CRISTO	9
3.2.1	<i>Incursões de Fé na Favela.....</i>	10
3.2.2	<i>Enxerguei aquilo como um chamado.....</i>	10

1 Definições

Legítima defesa é uma dirimente penal que, no Direito, serve como escusa para a prática de um ato que, normalmente, é considerado crime, e praticado como defesa a um ataque sofrido.

Por defesa, neste caso, entende-se o desforço na proteção de algum bem (quer seja a própria vida ou de outrem, sua integridade física ou mesmo da propriedade). É importante frisar que a legítima defesa tem por finalidade específica encerrar a agressão.

A defesa só é considerada 'legítima' se os meios e instrumentos utilizados forem proporcionais à agressão sofrida. Havendo excesso, o autor responderá criminalmente por ele.

No processo movido contra o militar Dilermando de Assis, alvejado traiçoeiramente pelo escritor Euclides da Cunha, o então rábula Evaristo de Moraes arguiu a legítima defesa, que restou na absolvição do réu (Brasil);

O mesmo Dilermando foi novamente acusado pela morte de Euclides da Cunha Filho, que lhe atirara pelas costas, sendo igualmente absolvido por legítima defesa, tendo o mesmo defensor (Brasil).

2 Problemática: O Cristão Pode Usar da Legítima Defesa?

1. Os que dizem que não pode:
 - a. Argumentam em cima do mandamento “Não matarás”;
 - b. Dizem que o cristão não deve matar em ocasião nenhuma, nem mesmo quando sua vida, ou a vida de entes queridos está em risco, e ele tem em suas mão a chance de reverter esta situação;
 - c. Dizem também que até mesmo no exercício do serviço, como no caso dos policiais, o cristão não deve matar, ou se defender. Alguns vão até mais longe dizendo que o cristão não deve ser policial, ou trabalhar em alguma área de exposição ao risco de ter de matar. Se for policial deve ficar apenas nos setores administrativos;
 - d. Neste caso, nos parece surgir um segundo problema: nossa segurança será feita apenas pelos ímpios?
2. Os que dizem que pode:
 - a. Também argumentam em cima do mandamento “Não matarás”, porém com uma outra interpretação;
 - b. Este versículo diz respeito a não ter prazer na morte de ninguém;
 - c. Porém não diz que é proibido matar em caso de legítima defesa, assim nos sentimos mais a vontade para dizer que o cristão não só pode como deve usufruir da legítima defesa, uma vez que o mesmo deve também defender sua vida, bem como a vida de seus entes queridos.

3. Vejamos a posição de um autor: *“Outra falácia do pacifismo é a premissa de que o mal não deve ser resistido à força. Pelo contrário, é moralmente injustificável não resistir ao mal. Permitir um assassinato quando a pessoa poderia tê-lo impedido, é errado. Deixar acontecer um estupro que a pessoa poderia ter evitado é um mal. Observar um ato de crueldade a crianças, sem procurar intervir, é moralmente indesculpável. Em síntese, não resistir ao mal é um pecado de omissão, e os pecados de omissão podem ser tão maus quanto os pecados de comissão. Na linguagem bíblica:”Aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz, nisto está pecando.” (Tg 4.17). E certamente, é justo proteger os inocentes e impedir os agressores malignos. O pacifista deixa de proteger os inocentes de agressores injustos, e o ativista deixa de impedir os agressores malignos, porque participa das suas guerras injustas.” “O seletivismo evita o dilema do não-envolvimento do pacifismo bem como do patriotismo idólatra do ativismo. O seletivista compromete-se a resistir ao mal sempre que é achado, com quaisquer meios apropriados disponíveis. Se isto importar em tomar armas para resistir a um agressor maligno, o seletivista está disposto a fazê-lo. E, visto que o seletivismo se compromete a defender ativamente aquilo que é moralmente certo, é uma posição mais difícil do que as dos não seletivistas. É mais difícil porque ativamente dedicada a resistir ao mal co qualquer força que seja apropriada ao mal, resistindo ao mal espiritual com a força espiritual, o mal político com a força política, e até o mal militar com a força militar. Além disto, o seletivismo é mais difícil porque o indivíduo deve decidir à luz da lei moral, quais guerras são justas e quais não são. Reconhecidamente, esta não é uma tarefa fácil.”* GEISLER, Norman – *Ética Cristã*, Vida Nova, p.150.

3 Testemunhos de Grupos Cristãos

3.1 PMs de Cristo tentam salvar 18ª Batalhão



Numa manhã do dia 31 de agosto de 2001, o então capitão da Tropa de Choque Osvaldo Luiz Sorge voava em uma viatura da PM perseguindo quatro ladrões em fuga pela Rodovia dos Bandeirantes. Os policiais pegaram um desvio no km 36 e deram de cara com o carro dos bandidos vindo no sentido contrário. Levaram 13 tiros de fuzil. “As balas que vieram em minha direção não ultrapassaram o pára-brisa. Foi um livramento. Glória a Deus”, afirma Sorge.

Evangélico há dez anos, crente em milagres cotidianos de Jesus Cristo, em setembro Sorge assumiu um cargo que lhe traria provas e desafios. Foi escolhido para comandar o 18º Batalhão na zona norte de São Paulo – unidade onde trabalhavam nove PMs que estão presos por suspeita de participarem no dia 16 de janeiro do assassinato do superior direto, o coronel José Hermínio Rodrigues. “Não acredito em coincidências. Deus me escolheu para estar aqui. Se viesse um policial sem fé, baixava a cabeça. O evangélico não pode pular do barco. Se vier a morte, é desejo de Deus.”

Para contornar a crise que ainda ferve no 18ª, Sorge tenta investir na “transformação” do batalhão. “Todo rebanho tem ovelhas desviadas. Trabalhamos para que elas sejam alcançadas e curadas. Só assim marcharemos de cabeça erguida. As notícias sobre o envolvimento de policiais do 18ª são um combustível que aumenta minha vontade de esclarecer os fatos.”

No trabalho para “endireitar” o caminho dos policiais desviados, desde janeiro, o 18ª BPM conta com a ajuda dos PMs de Cristo – grupo de policiais evangélicos que levam “a palavra de Deus e apoio para os soldados do 18ª”. “É um projeto piloto, que começou a pedido do próprio Coronel Hermínio, poucos dias antes de ele morrer. Por enquanto, estamos

em uma companhia do 18. Vamos chegar às quatro (companhias). Depois, treinaremos novos capelães para reproduzirem esse modelo nas mais de 400 companhias da PM do Estado”, diz o major Alexandre Terra, um dos organizadores do projeto. Com o aval do Comando-Geral e do governo estadual, os PMs de Cristo realizam o trabalho espiritual no 18ª fazendo três visitas por semana. São quatro capelães, todos civis, treinados para falar sobre religião com os militares. Eles aprendem, por exemplo, que não se deve gritar “glória a Deus” em um quartel. Jogar sal grosso nas viaturas nem pensar. O capelão deve mais ouvir do que falar e nunca pode se esquecer de pedir a autorização do comandante para iniciar a pregação. Os PMs de Cristo chegam ao 18ª durante a troca dos turnos e falam com os policiais por cerca de dez minutos.

Em um dos encontros, acompanhado pelo Estado, a Pastora Vania Menon, capelã do grupo, falou sobre o ofício do policial. “Você se enfrenta perigos e arrisca a vida para nos defender. São nossos heróis. Em troca, estamos aqui para oferecer apoio a quem precisar. Quem quiser, estaremos esperando do lado de fora para uma conversa”, diz a pastora, que também oferece seu telefone pessoal para qualquer pedido de socorro.

A estratégia é tentar “amolecer os corações embrutecidos” dos soldados do 18ª. Resgatar princípios que são perdidos na dura realidade das ruas. Os resultados, garante o comando, já começaram a aparecer. O subtenente Passos conta que os PMs de Cristo conseguiram “abrir o coração do sargento Elber para as palavras de Deus” pouco antes de o policial ter a prisão temporária decretada por suspeitas de participar do grupo de extermínio na zona norte. “O tempo dele na cadeia agora é determinado pelo Pai.” Já o cabo Bonfim pediu ao grupo que visitasse sua irmã, doente, em estágio terminal de câncer. A família do cabo estava desestruturada. Os PMs de Cristo foram à casa dele. A irmã de Bonfim morreu na quarta-feira. No enterro, coube ao coronel Sorge transmitir uma mensagem religiosa aos presentes.

Sorge garante ainda que recebeu o dom da sensibilidade para sentir os dramas dos soldados que comanda. Ele conta que, certa vez, um policial sentou-se em uma cadeira em frente a ele com o semblante carregado. “Ô, menino”, disse o coronel, com o sotaque carregado de Presidente Venceslau, no interior do Estado, onde nasceu. “Não quero te enterrar amanhã.” Em seguida, o PM, emocionado, confessou que estava com pensamentos suicidas. “Deus tem poder. Glória a Deus”, completa o coronel.

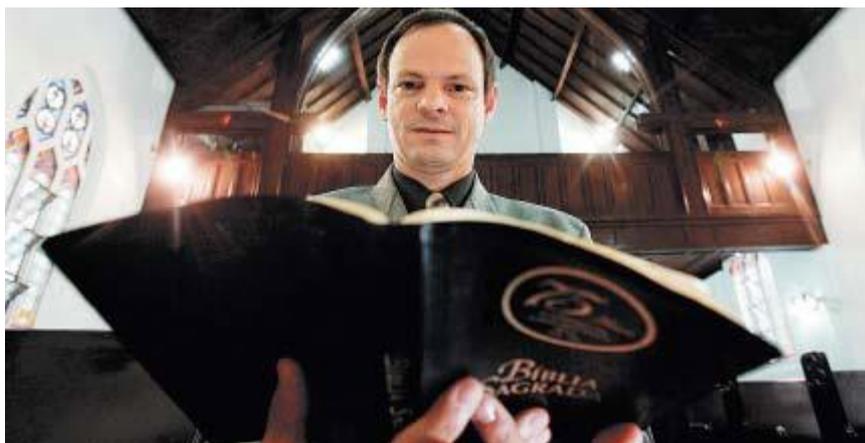
3.1.1 Policia Sob Suspeita

Em 1999, quando trabalhava na zona oeste de São Paulo, o major Alexandre Terra, PM de Cristo desde a fundação do grupo, há 15 anos, passou por um teste de fogo. Eram 2 horas da manhã quando os policiais que comandava encontraram em uma rua escura da Lapa uma mulher que acabara de ser vítima de estupro. Os policiais pegaram o criminoso, que ainda os provocou, dizendo que em um ano estaria solto. “Nesse momento, a presença de um policial cristão foi decisiva para evitar o pior”, disse Terra que conseguiu controlar o grupo argumentando que a vítima era cristã e abominaria um assassinato. O major levou o esturador para a delegacia.

Durante uma hora, conversou e fez o bandido ler trechos da Bíblia. “Estamos dando uma chance para você mudar de vida”, disse ao criminoso. Se, historicamente, os policiais militares se acostumaram a estigmatizar os defensores dos direitos humanos como pessoas que protegem bandidos, o discurso dos policiais religiosos parece conseguir tratar de maneira mais eficiente o mesmo assunto.

Saem as palavras abstratas como “cidadania”, “dignidade da pessoa humana”, para dar lugar a termos simples e diretos como “bem”, “mal”, “Jesus” e “diabo”. “O marginal também é um irmão e pode se transformar. Trabalhamos para isso”, diz o coronel Luiz Flávio Codelo, católico carismático, que circula por diferentes igrejas para cantar, fardado, com outros oito policiais.

Os PMs de Cristo alegam ainda que respeito à lei não significa fragilidade. Terra cita o episódio de Jesus expulsando os vendilhões do templo como uma ação firme, que deveria servir de modelo para a Tropa de Choque. O mandamento “Não matarás”, conforme explicam, deve ser “relativizado”. “Existem excludentes, como a legítima defesa”, diz Terra. Para nortear os policiais, os PMs de Cristo imprimiram 95 mil Bíblias de bolso para serem levadas durante o serviço.



3.1.2 Após a Oração um Tiro na Nuca

Condenado a 43 anos por triplo homicídio, tenente Pereira se converteu na prisão. Será mesmo que um criminoso, sangue nos olhos, dá realmente ouvidos a essa ladainha propagada pelos religiosos? Diante de tanto ceticismo, os PMs de Cristo sacam da manga um depoimento que, segundo eles, serve para mostrar o poder de transformação de tudo o que falam.

Em 1981, o tenente Luiz Wilson Pereira, de 47 anos, assumiu uma tropa na zona leste, em Itaquera. Era um policial idealista e chegava a dobrar o turno na tentativa de tirar os ladrões do bairro. Em seis meses na rua, viveu uma série de decepções. Durante um tiroteio com quatro assaltantes, viu um aspirante da sua equipe ser assassinado. Três ladrões morreram e um deles foi preso. “O advogado do cara veio falar comigo. Disse que eu era novo, não conhecia como as coisas funcionavam por aqui.” Ele compreendeu a malícia do delegado semanas depois. Havia prendido um criminoso do bairro, que reencontrou na rua depois de dois dias. Ao abordá-lo, novo choque. “Ele me disse para ficar frio, porque minha parte do dinheiro estava com o delegado.”

Durante o velório de um policial, Pereira decidiu que iria fazer Justiça por conta própria. “Levava o bandido para o matão, dava um minuto para ele rezar e dava um tiro na nuca.” Pereira prefere não dizer quantos matou dessa forma. Fala que perdeu a conta. “Resolvi ocupar o lugar de Deus. Tire o ‘d’ e o ‘s’. Sobra a palavra eu. Eu iria julgar e aplicar a sentença.”

Em 1988, foi condenado a 43 anos de prisão por um triplo homicídio. A mudança de vida, conta Pereira, ocorreu sete anos depois, quando estava no Romão Gomes. Por três meses, ouviu as palestras dos PMs de Cristo no presídio. Converteu-se ao Evangelho e recebeu o indulto em 2003. Hoje está livre. Trabalha na área de finanças do Cruz Azul Saúde e hoje é missionário da Igreja Metodista do Brasil. Casou-se novamente. Namorou seis meses e consumou o ato somente depois da cerimônia.

3.2 Caveiras de Cristo

Inaugurado na sede do Bope, templo evangélico reúne cerca de 50 policiais da unidade que se revezam entre o fuzil e a Bíblia

Rio - Era uma operação no Complexo do Alemão, Zona Norte. Acuados no beco, quatro garotos armados. Os mesmos que, minutos antes, se esgueiravam pelas vielas empinando fuzis e fugindo dos estilhaços das granadas que lançavam no Caveirão. Cabia ao experiente soldado M., 37 anos, do Batalhão de Operações Especiais (Bope), o direito à primeira rajada. Calado, M. sinalizou, cedeu a vez a um colega e assistiu às mortes.

O testemunho ainda emociona o soldado. Passados quatro meses do episódio, ele é um dos quase 50 membros dos **Caveiras de Cristo**. Homens de preto, integrantes da tropa de elite da PM, evangélicos, que se reúnem todos os dias no terceiro andar da unidade para uma missão: orar. “Sempre fui sombrio, sinistro. Atirar em alguém era como pegar uma barata e pisar. Naquele dia, no Alemão, cheguei ao Bope, guardei meu armamento, tomei meu banho e fui para casa chorando. A imagem dos garotos não saía da minha cabeça. Estava incomodado. Como Deus dá vida e eu tiro a vida? Precisava mudar”, conta o soldado.

Os cultos dos caveiras não diferem do usual: leituras bíblicas, testemunhos, clamações de “amém” e até banda de louvor. Sentados lado a lado, os homens de preto oram, dão as mãos e profetizam dias mais calmos para a guerra urbana. “Vivemos uma luta do bem contra o mal. E o bem vai vencer. Eu me considero um soldado do Senhor. Acredito que só Jesus Cristo salva”, afirma o comandante do Bope, coronel Pinheiro Neto, no culto de inauguração do espaço físico da congregação, na quarta -feira.

Batizado na igreja católica e, recentemente, na condição de ‘aspirante’ a evangélico, o oficial teve papel fundamental, dando aval para que a sala de oração fosse construída. A congregação fica num andar conhecido como Vale dos Ossos — apelidado por causa dos esqueletos das construções.

É a última sala do corredor. Ao entrar, os policiais se deparam com um painel com pintura de nuvens. A obra, de um dos colegas de farda, tem a citação bíblica “Crê no Senhor Jesus e serás salvo tu e tua casa” (Atos 16:31). “Deus tem uma maneira de chamar todo mundo”, relata o terceiro-sargento Valmir de Souza Silva, 33.

Curiosamente, o mentor da sede evangélica, o policial reformado Joaquim Thomé, 60, foi reprovado no primeiro teste que fez para o Bope, em 1990. Além de ser caveira, ele sonhava em criar a congregação. Quatro anos depois, acabou transferido para a unidade. “Talvez, se tivesse sido aprovado logo, não teria me engajado tanto no evangelismo.”

3.2.1 Incursões de Fé na Favela

Trocar o fuzil pela Bíblia e pregar para quem, no dia-a-dia, é alvo. Empenhado no que considera uma missão de vida, o sargento Valmir dos Santos, 42 anos, acredita que é possível conciliar atividades tão complexas e diferentes. Pastor há 13 anos, ele busca nos ensinamento do Evangelho a resposta para o que parece incompatível.

“Na lei de Deus, você vai encontrar situações em que os servos tiveram que fazer uso de armamentos. Davi matou o gigante Goliás e não foi condenado por isso. Muitas vezes, o PM é mal interpretado”, explica ele, citando a passagem do livro Samuel.

Para a antropóloga Elizabete Ribeiro Albernaz, 29, que faz tese de mestrado sobre o Movimento Evangélico na Polícia Militar, as pregações nos cultos do Bope são pontuadas por termos que reproduzem o contexto de violência no qual estão submetidos os policiais.

“Confesso que fiquei espantada com o fato de eles terem esse movimento. É uma tropa que está envolvida com armamento mais pesado, cenário truculento. Nas orações, percebi que a palavra guerra é muito citada. O Evangelho acaba suprindo a carência de quem é exposto ao contexto de conflito”, analisa ela, que, para pesquisa, já entrevistou 40 PMs de vários batalhões.

3.2.2 Enxerguei aquilo como um chamado

A maioria dos **Caveiras de Cristo** se converteu após escapar de confrontos. Experiências fortes, que se transformaram em sinais divinos para quem viu a morte de perto.

“Meu encontro com Deus aconteceu há quase 10 anos. Eu e um amigo fomos verificar um informe no Morro do Turano, no Rio Comprido. Só que nos deparamos com dois caras

armados. Houve confronto e o parceiro acabou atingido no peito duas vezes por tiro de ponto 30. Não sabia dos seus ferimentos e o ouvi chamar meu nome. Fui até onde ele estava e me deparei com seu corpo. Depois, conversando com uma médica, ela me disse que era impossível ele ter falado, porque morreu instantaneamente. Enxerguei aquilo como chamado de Deus”, conta o cabo André Moura, 36 anos.

Há sete anos no Bope, o soldado João de Carvalho, 32, teve a conversão ligada a outro motivo: a vida desregrada. “Estava sem expectativa. Bebia, ia para festas, era infeliz. Quando você é tocado, pensa em um monte de besteiras, mas não quer aceitar que é Deus falando”.

A PM tem mais de 250 pastores e 13 mil congregados. “O Bope é uma operação de salvar vidas”, comentou o presidente da União dos Evangélicos da PM do Rio (Uepmerj), pastor Liodir Barreto, durante culto na unidade.

